

RESUMO

O presente artigo resgata o papel da mulher civil-pública ou privada - através dos discursos fundantes nas diferenças entre o masculino e o feminino, no âmbito do processo de colonização no Norte Novo do Paraná a partir da década de 40 até a urbanização recente.

ABSTRACT

The present article retakes the position of the civilian woman public or private, through the founded discussion on the differences between the male and female, on the ambit of the new north of Paraná's colonization process, from the 40 decade till recent urbanization.

TRABALHO E EXPROPRIAÇÃO EM UMA ÁREA DE COLONIZAÇÃO RECENTE: os discursos da diferença de gênero no cotidiano

Hilda Pívaro Stadniky*

O tempo é a irreversibilidade dos acontecimentos. O tempo histórico é a irreversibilidade dos acontecimentos sociais.¹

Estudar as diferenças e a diversidade dos papéis femininos no mundo das relações de trabalho é uma tarefa fundamental quando se pretende a reconstrução da sociabilidade ao nível do cotidiano. O pressuposto de partida é que a função *papel social* não nasce casualmente, porém resulta de inúmeros fatores da vida cotidiana dados já antes da existência dessa função e que continuam a existir quando ela tiver se esgotado.²

Agnes HELLER encoraja interessante discussão sobre os papéis sociais ao elencar os pressupostos do papel social na estrutura da vida cotidiana e ressalta a capacidade do homem de imitar não apenas momentos e funções isoladas, mas também inteiros modos de conduta e de ação. Na assi-

* Hilda Pívaro Stadniky, Departamento de História, Universidade Estadual de Maringá.

¹ HELLER, Agnes. *Valor e História*. In: _____. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992, p. 3. Ainda, da autora *From hermeneutics in social science toward a hermeneutic of social science*. **Theory and Society**, Nova Iorque, nº 18, p. 291-322, 1989.

² Consultar DIAS, Maria Odila Leite da Silva *Teoria e métodos dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano*. In: COSTA, Albertina da & BRUSCHINI, Cristina (orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 1992, p. 39-53. Ainda: MATOS, Maria Izilda S. de. *Na trama do cotidiano*. **Cadernos Ceru**, 5(2): 13-27, 1994. MASSI, Marina. **Vida de mulheres: cotidiano e imaginário**. Rio de Janeiro : Imago, 1992.

milação de *papéis* está contida a idéia de atividade, a indicar que estão presentes as experiências de trabalho, que o homem jamais se enfrenta com usos isolados; que ele os *apreen-*
de numa totalidade relativa, como sistema, como estrutura.³

A célebre autora da Escola de Budapeste insiste na idéia de que muitos problemas do homem brotam da base de uma hierarquia de valores já assimilada, que pode ser negada ou afirmada pelo homem em questão. Entretanto, tal não pode se repetir arbitrariamente no momento desejado, pois há casos em que das decisões decorrem outras de modo mais ou menos necessário, do ponto de vista do sujeito, à maneira de uma rotina.⁴ Porém, não é pelo fato de assumir um sistema de valores previamente construído que o portador de um *papel* converte sua função em *papel*. Ao mesmo tempo em que há uma orientação para o passado, há uma orientação para o futuro e, assim, não implica afirmar que a orientação para o passado não esteja absolutamente presente na cristalização dos comportamentos sob a forma de *papéis*, embora ela esteja, ainda que em importância, secundária.

As idéias desta discípula de LUKÁCS culminam com a discussão do papel desempenhado pelo homem diante do público, como conseqüência de sua essência social, pois o caráter público das ações influi nas próprias ações e a presença da comunidade funciona como um catalisador. O ato de assumir uma postura em público nada tem a ver com o desempenho de um *papel*, mas, sem dúvida, que é um pressuposto desse desempenho. Há que se considerar que em situações diferentes e na resolução de diferentes problemas, explicitam-se inevitavelmente no homem valores igualmente diversos. A colocação de tarefas atualiza valores potenciais

³ HELLER, Agnes. *op. cit.*, nota 1.

⁴ Deve-se sublinhar a importância de seus estudos sobre a vida cotidiana, em particular a obra de título idêntico, publicada pela Paz e Terra. De igual destaque é o ensaio *Estrutura da vida cotidiana*, inserido na não menos conhecida obra *O cotidiano e a história*, Paz e Terra, 1985.

que, sem esse complexo problemático, jamais superariam a condição de mera possibilidade, jamais passariam à existência. Assim, ao terminar uma tarefa, alguém se empenha em resolver outro problema, não se limita a trocar de *papel*, mas começa a mudar a si mesmo na medida que nova tarefa reclama outras qualidades, outros atributos. Entretanto, na medida que os modos de comportamento convertem-se em *papéis estereotipados*, as transformações se mantêm como meras aparências. Quando os papéis são múltiplos e intensamente mutáveis, a situação exige do homem uma rica e mutável explicitação de suas habilidades técnicas, de sua capacidade de manipulação.

Ao se generalizarem, os comportamentos de tipo *papel* modificam sua função do *dever-ser* na vida cotidiana.⁵ *No dever-ser*, revela-se a relação do homem inteiro com os seus *deveres*, com suas vinculações, sejam essas econômicas, políticas, morais ou de outro tipo. Não menos conhecido é o fato de que o *dever-ser* se entrelaça freqüentemente com o fato da *representação*.

Gênero enquanto categoria de análise

Indubitavelmente, a temática das mulheres, convertida em objeto de estudo, tem possibilitado historicizar determinados conceitos e categorias com as relações de gênero, reprodução, família, cidadania, público e privado, trabalho, saúde etc., sempre com o propósito de superar concepções e valores tidos como inerentes à natureza feminina.⁶ Tal afirmação deriva do argumento de

⁵ Interessante ensaio de sua autoria sobre *O futuro das relações entre os sexos* apareceu na coletânea sobre **A crise da família**, publicado em 1971, pela Paz e Terra.

⁶ Rever: PERROT, Michelle. *Las femmes, la pouvoir, l'histoire*. In: **Une histoire de femmes est-elle possible?** Paris, Ribage, 1984. PERROT, Michelle. **Os excluídos da História** – Operários, mulheres, prisioneiros. São Paulo: Paz e Terra, 1988. PERROT, Michelle. *Práticas da memória feminina, a mulher e o espaço público*. **Revista Brasileira de História**. Anpuh/Marco Zero, 1989, nº 18. DUBY, Georges & PERROT, Michelle. **História de las mujeres en Occidente**. Tradução de Marco Aurélio Galmarini. Madrid: Taurus Ediciones, 1991.

DERRIDA,⁷ no início da década de oitenta, de que a história das mulheres pertence também ao movimento... de que não há uma interpretação teoricamente neutra da história dos estudos das mulheres. Nas pegadas de MINOW, retomamos a questão do *dilema da diferença*, isto porque diferença é construída e este processo contém pontos de comparação não estabelecidos no interior de categorias que ocultam sua perspectiva e implicam, erroneamente, em um ajustamento natural com o mundo. Assim, as comparações de homens com mulheres derivaram como necessárias e passaram a ser compreendidas muito mais como categorias naturais e entendidas separadas, do que como termos relacionais.

A categoria gênero é utilizada para salientar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo e para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário de análise. O termo foi proposto por historiadoras que acreditavam que a pesquisa sobre mulheres transformaria os paradigmas da disciplina, acrescentaria novos temas e faria uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente, implicando não apenas em uma nova história das mulheres, mas em uma nova história. Segundo SCOTT, o modo como essa nova história iria concluir e manifestar a experiência social das mulheres dependeria de como o gênero poderia ser desenvolvido como uma categoria analítica.⁸ Os homens e as mulheres reais não cumprem sempre os termos das prescrições de sua sociedade ou de nossas categorias de análise. Segundo ela, os historiadores devem, antes de mais nada, examinar as manei-

⁷ *Women in the Beehive: a seminar with Jacques Derrida*, promovido pelo Centro Pembroke para o ensino e a pesquisa, In: **Subjects/Objects**, Primavera de 1984, p. 17, apud SCOTT, Joan. *História das mulheres*. BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

⁸ SCOTT, Joan. *Gênero uma categoria útil de análise histórica*. **Mulher e realidade: mulher e educação**. Porto Alegre: Vozes, v. 16, n° 2, julho/dez, 1990.

ras pelas quais as identidades de gênero são realmente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente situadas.⁹

O componente teórico do quadro da história das mulheres foi gerado pela ênfase na história social. De acordo com Joan SCOTT, os movimentos sociais do final do século XX levaram muitos historiadores a examinar a inserção de classe, raça e gênero. Muitas historiadoras feministas sustentam que o gênero não é intercambiável com os termos *sexo* ou *diferença sexual*. Historiadoras feministas rejeitam a noção de que biologia é destino, tanto quanto qualquer crença numa feminilidade universal (*universal femininity*). Ao invés, sustentam que as forças sociais, que são historicamente específicas a tempo e lugar, constroem o gênero.¹⁰

⁹ SCOTT, Joan. *op. cit.* p.15.

¹⁰ Ver Joan W. SCOTT, *Gender: a useful category of historical analysis*. **American Historical Review** 5 (Dec. 1986): 1054-55. Para uma discussão de gênero enquanto uma construção edificada culturalmente, ver M. Z. ROSALDO, *The use and abuse of Anthropology: reflections on feminism and cross-cultural understanding*. **Journal of Women in Culture and Society**, 5:3 (1980), p. 389-417 and Sherry B. ORTNER and Harriet WHITEHEAD, *Introduction: accounting for sexual meanings, in Sexual meanings: the cultural construction of gender and sexuality*. ORTNER and WHITEHEAD, eds. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1981. FRANCHETO, B. et alli (org.) **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro : Zahar, 1981-1983, v.1, 2 e 3. CHARTIER, Roger. *Différences entre les sexes et domination symbolique (note critique)*. **Annales ESC**, n° 4, 1993; p. 1005-1010. DUBY, Georges e PERROT, Michelle. **História de las mujeres en Occidente**. Tradução de Marco Aurélio Galmarini. Madrid: Taurus Ediciones, 1991. GADAMER, Hans-Georg. **Truth and method**. New York: Crossroad, 1984. GILLIGAN, C. **In a different voice: psychological theory and women's development**. Cambridge: Harvard University Press, 1982. Na historiografia espanhola mais recente, indispensável a consulta de três obras : LUNA, Lola G. (ed.). **Mujeres y sociedad, nuevos enfoques teóricos y metodológicos**. Barcelona: Edición del Seminario Interdisciplinar Mujeres y Sociedad, 1991. LUNA, Lola G. **História, gênero y política**. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1994. SAINT-SAËNS, Alain (ed.) **História silenciada de la mujer**. La mujer española desde la época medieval hasta la contemporánea, Madrid: Complutense, 1996. SAMARA, Eni de Mesquita. *Feminism, social justice and citizenship in Latin America*. **Journal of Women's History**, vol. 6, n° 2. Summer, 1994. LAURETIS, Teresa de (ed.). **Feminist Studies/Critical Studies**. Bloomington, 1986. LAURETIS, Teresa de (ed.). *Displacing hegemonic discourses: reflections on feminist theory in the 1980s*. **Inscriptions**, n° 3/4 , p. 127-41, 1988. PAOLI, Maria Célia. *A questão do gênero nas Ciências Sociais*. In: **Novos Estudos Cebrap**, n° 31, São Paulo, out., 1991, p.107-120.

É importante reconhecer como as construções de gênero moldam nossa visão de mundo, em termos de consciência e de comportamento. Alice KESSLER-HARRIS tem chamado o gênero como um *complex and multi-layered system of social organization*. Este sistema ordena as relações de poder e afeição e faz esta ordem parecer natural e inevitável.¹¹

Além de utilizar o gênero como categoria de análise, é importante, portanto, atentar para sua articulação com categorias já existentes, como a classe e a raça.¹² Para o entendimento das relações de gênero, é preciso partir de uma análise criteriosa do conceito de *diferença* para compreender a construção social de identidade de gênero que, dependendo das variáveis classe, raça, tempo e lugar constroem-se diferentemente em cada contexto. Esta discussão está presente em SOIHET, através de enfoques no campo *gênero em debate*.¹³

¹¹ KESSLER-HARRIS, Alice. *Reflections on a field*. In WARE, Susan, ed. *New viewpoints in women's history: working papers from the Schlesinger Library 50th Anniversary Conference*, March 4-5, 1994. Cambridge, MA: Radcliffe College, 1994, p. 20. GERGEN, Mary MacCannery (Org.). *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*. Tradução de Ângela Melim. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/EDUNB, 1993. GORNICK, V. e MORAN, B. K. (eds.). *Woman in sexist society, studies in power and powerlessness*. New York: Basic Books, 1971. O'BRIEN, M. *Reproducing the world: essays in feminist theory*. Boulder: Westview Press, 1989. PÉROT, Michelle. *Las femmes, la pouvoir, l'histoire*. In: *Une histoire de femmes est-elle possible?* Paris, Ribage, 1984. SMITH, D. *A sociology for women*. In: J. Sherman & E. J. Beck (eds.). *The prism of Sex: Essays in the sociology of knowledge*. Madison: University of Wisconsin Press, 1979. FRASER, Nancy. *Que é crítico na teoria crítica? O argumento de Habermas e gênero*. In: BERHABIB, Seyla & CORNELL, Drucila (coords.). *Feminismo como crítica da modernidade*. Tradução de Nathanael da Costa Caixeiro. Rio de Janeiro: Tosa dos Tempos 1987, p. 38-65.

¹² No Brasil, esta discussão está muito bem focalizada em SAFFIOTI, Heleith I. B. *Rearticulando gênero e classe social*. In: COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 183-215. Ver, ainda: BRUSCHINI, Cristina & SORJ, Bila. (org.). *Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Marco Zero, 1994; SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Brasiliense, 1991. SAMARA, Eni de Mesquita, SOIHET, Rachel & MATOS, Maria Izilda S. de (orgs.). *Gênero em debate*. São Paulo: EDUC, 1997.

¹³ SOIHET, Rachel. *Enfoques feministas e a história: desafios e perspectivas*. In: SAMARA, Eni de Mesquita, SOIHET, Rachel & MATOS, Maria Izilda S. de (orgs.). *Gênero em debate*. São Paulo: EDUC, 1997.

Aspecto importante é que a noção de relações de gênero aponta para construções mutáveis de significado, segundo SCOTT. Isto implica que, embora os significados constituintes das diferenças de gênero possam estar funcionando todo o tempo, eles são *atravessados por outros discursos: discursos de outras identidades e discursos cristalizados da repetição, das tradições, dos estereótipos, todos postos em operação em contextos específicos*. O que supõe que aquilo que constitui a operação analítica específica comandada pelas relações de gênero – o desintrinchar das diferenças que se inscrevem simultaneamente na natureza, na cultura e na história como discursos – passa a ser desvendado sempre do mesmo modo. Implica, em segundo lugar, que o gênero nem sempre é uma identidade fundante de um sujeito e de sua ação, podendo estar, ou não, presente como significado assumido centralmente. Não se torna necessário, portanto, que mulheres e homens concebam sua ação sob esta perspectiva, e esta pode estar diluída em outro discurso estruturador do movimento, como o de classe ou o de carências sociais, ou os fundados na cor e na etnicidade, como observa Maria Célia PAOLI. Segundo ela, fica claro que se deve respeitar a identidade temporalizada.¹⁴

O trabalho familiar: acomodação e representações

O processo de colonização do Norte do Paraná é recente. Ele ocorre a partir da década de 20 deste século e toma a experiência de São Paulo como modelo de trabalho familiar não-assalariado. Apostava-se, mais uma vez, no trabalho solidário da família direcionado à perspectiva de aqui-

¹⁴ PAOLI, Maria Célia. *As Ciências Sociais, os movimentos sociais e a questão do gênero*. *Novos Estudos Cebrap*, p. 107-20, out. 1991. Importante contribuição reside em TELLES, Vera da Silva. *Espaço público e espaço privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt*. *Tempo Social*, v. 2, n. 1, 1990.

sição de novos lotes de terra. Desse modo, a expansão capitalista no Norte do Paraná reproduz o trabalho do módulo familiar, assegurando à família sua função de produção e obstaculizando sua transformação em unidade assalariada.¹⁵ Assim, a unidade familiar de produção torna-se requisito fundamental na atividade econômica, quer em consequência da compra da terra, quer em consequência da tipicidade das relações sociais de produção introduzidas.

A objetivação histórica da conjuntura foco da discussão é o processo de colonização do Norte Novo do Paraná, a partir da década de 40, até a urbanização recente. A colonização, de natureza capitalista, tida como democrática e moderna,¹⁶ baseou-se na pequena e média propriedades através da venda de terras no sistema parcelar. Tais elementos fundantes da colonização potencializaram a extração de mais valia e produziram um dinâmico processo de expropriação de colonos. Tal dinâmica, ao longo do curto espaço de três décadas, revela a expropriação também da saúde do trabalhador e da família, onde a saúde da mulher tem um custo social próprio.

O sistema de parceria, basicamente utilizado na região, carrega uma necessidade endógena pelo trabalho de unidades familiares, inviabilizando qualquer exigência por

¹⁵ STADNIKY, Hilda Pívaro. *Unidade familiar de produção e a condição feminina no contexto da colonização do Norte Novo de Maringá*. Anais da XVI Reunião da SBPH, Curitiba, 1996, p. 307-11.

¹⁶ Tornou-se lugar comum na historiografia paranaense enaltecer o caráter democrático do processo de colonização do Norte do Paraná e imprimir-lhe o atributo de pioneiro. A historiografia reproduz esta idéia com tal força, a ponto de reproduzir a ideologia do *pioneirismo* e de repassar este caráter a todos aqueles compradores de terras aqui recém-chegados e bem sucedidos. Este discurso reveste-se de uma caráter igualador e nele o sujeito da ação atua através de um processo identificador dos agentes históricos. Ao identificar, isto é, ao fazer de várias pessoas uma só, presume uma relação de igualdade válida para todos os valores das variáveis envolvidas. Um raciocínio rigoroso não pode identificar categorias diferentes e este processo elaborado através do senso comum significa confundir o que é seu com o alheio, com penetrar-se do que o outro sente ou pensa. Torna-se um ato de conformação, de ajustamento de explicitações que se produzem ao nível ideológico. Uma discussão mais ampliada pode ser encontrada em Stadniky, Hilda Pívaro. *Uma colonização democrática: a negação das diferenças*. **Cadernos de Metodologia e Técnica de Pesquisa**. Universidade Estadual de Maringá, nº 6, 1995, p. 215-46.

trabalhadores individuais, como forma predominante. As especificidades do calendário e do ano agrícola são determinadas pelas vicissitudes da lavoura cafeeira que define as necessidades em termos de mão-de-obra que deve estar disponível. Particularmente neste aspecto, a unidade familiar ajusta-se sobremaneira e é capaz de desempenhar eficazmente todas as funções impostas ao sabor da flexibilização natural das demandas cíclicas do setor cafeeiro. Some-se a isto a capacidade de acomodação da unidade familiar à dinâmica de tarefas da atividade cafeeira.

Ao longo do processo, tomado como um todo, a atividade econômica principal reservará lugar para atividades complementares. O setor de subsistência importará uma demanda de mão-de-obra e seu vigor será estipulado pela demanda de trabalho da economia cafeeira. Dá-se um perfeito ajuste, que exige maior versatilidade da força de trabalho, de um lado, e uma acentuada divisão sexual do trabalho, de outro.

O ajuste entre os dois setores da atividade agrícola acaba por imprimir o ajuste de papéis e tarefas da força de trabalho face à divisão sexual do trabalho que, em última instância, exige da mulher, particularmente, versatilidade em maior escala. A possibilidade de combinar atividade econômica e trabalho caseiro é maior no campo, onde o lugar de trabalho e de moradia freqüentemente coincidem.¹⁷ Portanto, em condições normais, a atividade agrícola permite que os homens se dediquem à lavoura cafeeira, atribuída em função da idade da prole e do tamanho da área a ser cultivada, e reserva ao trabalho feminino o setor de subsistência.

A hierarquização das tarefas estabelecia-se em função da sazonalidade das culturas que, entretanto, tem o poder de impor à condição feminina maior polivalência ao não excluir do rol de suas obrigações as tarefas com o serviço

¹⁷ Consultar RIBEIRO, Ivan de Otero. *A importância da exploração familiar camponesa na América Latina*. Tema de Ciências Humanas, n. 4. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

doméstico. Isto pressupõe a super exploração do trabalho feminino na órbita da família. Nos momentos de colheita do café, tornava-se imprescindível o trabalho da mulher e mesmo o de crianças. As jornadas de trabalho respeitavam apenas a luz do dia. Para o trabalho das lavouras de subsistência, recorre-se às mulheres e crianças, cujo ritmo se acentua em consequência da sazonalidade própria das culturas. As culturas de arroz, feijão, milho, algodão e mandioca contam sistematicamente com o trabalho feminino, em todas as etapas, do cultivo à colheita.

Constata-se, portanto, um exercício de ajuste de tarefas e funções muito complexo que exige não só revezamento de papéis no interior da unidade familiar. Mais que isso, requer uma adaptabilidade mais elástica entre os membros da família à ciscunstantialidade ou à sazonalidade do trabalho exigido. Prevalece a autoridade do chefe da família que dispõe sobre as tarefas de qualquer membro, que assume compromissos e obrigações de contratos de trabalho, de compra e venda etc., sem qualquer possibilidade de questionamento feminino. À mulher, portanto, não era reservado nenhum espaço no poder decisório, evidenciando-se os padrões tradicionais de submissão ainda que em um contexto onde ela é imprescindível para a constituição da propriedade adquirida no sistema parcelar.

Os ajustes e acomodações de tarefas e funções revelam que objetivamente na lavoura, ao contrário do que se supõe, não há separação de atividades tipicamente masculinas ou femininas. A dinâmica das demandas por força de trabalho acabam por pulverizar os pretensos sectionamentos de espaços do masculino e do feminino na esfera da produção. Esta simbiose está na relação direta da maior pressão da demanda por mão-de-obra na órbita da família. A mulher acresce à sua lide domiciliar as tarefas na agricultura, operando-se uma combinação de trabalho doméstico e trabalho agrícola. Tal adaptabilidade feminina revela o movimento imposto pela sazonalidade das culturas no cam-

po, rompendo os rótulos e representações acerca do trabalho masculino/trabalho pesado e do trabalho feminino/trabalho leve. Aqui a condição feminina adquire os atributos do masculino e a mulher gera outras noções de valor/qualidade. Ela passa a ser computada efetivamente no conjunto da prole, onde o número de membros aptos para o trabalho agrícola independe da condição sexual.

A introdução de novas culturas durante a década de 60 representadas particularmente no binômio soja/trigo, acarreta a reorganização fundiária da região e o conseqüente reagrupamento das pequenas e médias propriedades. Do mesmo modo, do ponto de vista da composição e organização dos estoques populacionais na região, as mudanças dispensam a organização do trabalho familiar. Tais transformações desqualificam o trabalho familiar enquanto forma ideal de provimento de força de trabalho no campo e, ao mesmo tempo, contém os limites para seu assalariamento.

A dinâmica do processo de expansão capitalista na região Norte do Paraná deixa à mostra duas faces. A autonomia do trabalho familiar, de um lado, esconde condições de vida difíceis e, de outro, retrata que o fato de trabalhar nominalmente a terra predispõe tais homens a uma gama variada de doenças associadas, em geral, à desnutrição. Compromete a capacidade de reprodução das mulheres, cujos filhos engrossam as estatísticas dos natimortos particularmente marcados pela falta de assistência médica. Aqui, tais óbitos, associados aos dos idosos com mais de 60 anos, desnudam uma forma de violência produzida pela exploração capitalista que, em geral, é camuflada pela questão da posse da terra.

Algumas notas finais

A proposta norteadora dos questionamentos aqui levantados está voltada ao resgate da mulher civil, pública ou

privada – com destaque para o trabalho, a expropriação e a saúde – a partir da análise dos discursos fundantes *da diferença entre o masculino e o feminino*, na concepção de Michelle PERROT. A primeira tarefa reside na compreensão da inserção das mulheres no mundo do trabalho, ao nível do cotidiano, tendo como pressuposto, emprestado de Joan SCOTT, de que as profissões das mulheres, definidas aparentemente por suas qualidades naturais, nada mais são que puro *produto da linguagem*.

Analisar as novas funções e papéis das mulheres, nos múltiplos campos da vida social e no mundo do trabalho da modernidade, os projetos e possibilidades viáveis no espaço urbano, lugar privilegiado do progresso – do tempo presente e da história – idéia colocada em oposição ao mundo rural – o lugar do passado, tempo das permanências, é tarefa à espera dos pesquisadores ao nível do regional. Neste sentido, complementarmente, resta saber quais as produções elaboradas ao nível dos discursos sobre o trabalho feminino, o papel das mulheres no espaço público e no privado, e em que medida há o acesso das mulheres e da família ao consumo dos bens coletivos de saúde. Torna-se indispensável, portanto, uma análise das nuances dos elementos construtivos dos discursos representativos e das representações femininas na imprensa periódica regional sobre o caráter e a natureza do trabalho feminino.

Ratifica-se, portanto, a pertinência do gênero como modo de leitura das sociedades e dos acontecimentos. Trata-se de verificar como a diferença entre os sexos se constrói e se reconstrói em todos os níveis dos discursos e das práticas, das representações e das realidades. O desafio, portanto, é analisar como vários tipos de discurso constroem a diferença entre os sexos e as profissões das mulheres. Enfim, trata-se de analisar tudo que muda e o papel das mulheres como atrizes dessas mudanças. Desse modo, ao interagir com outros lugares cognitivos, o gênero transcende seu contexto de origem sem se dissolver como modo de conheci-

- SCOTT, Joan W. *Gender: a useful category of historical analysis*. **American Historical Review**, n. 5, p. 1054-55, dec. 1986).
- SCOTT, Joan W. *Gênero uma categoria útil de análise histórica*. **Mulher e realidade: mulher e educação**. Porto Alegre: Vozes, v. 16, n. 2, jul./dez, 1990.
- SMITH, D. *A sociology for women*. In: SHERMAN, J., BECK, E. J. (eds.). **The prism of Sex: Essays in the sociology of knowledge**. Madison: University of Wisconsin Press, 1979.
- SOIHET, Rachel. *Enfoques feministas e a história: desafios e perspectivas*. In: SAMARA, Eni de Mesquita, SOIHET, Rachel, MATOS, Maria Izilda S. de (orgs.). **Gênero em debate**. São Paulo: EDUC, 1997.
- SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- STADNIKY, Hilda Pívaro. *Uma colonização democrática: a negação das diferenças*. **Cadernos de Metodologia e Técnica de Pesquisa**. Universidade Estadual de Maringá, n. 6, p. 215-46, 1995.
- STADNIKY, Hilda Pívaro. *Unidade familiar de produção e a condição feminina no contexto da colonização do Norte Novo de Maringá*. **Anais da XVI Reunião da SBPH**, Curitiba, 1996, p. 307-11.
- TELLES, Vera da Silva. *Espaço público e espaço privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt*. **Tempo Social**, v. 2, n. 1, 1990.